

PLANO DE MANEJO DA APA IBITINGA – MEIO BIÓTICO

VEGETAÇÃO

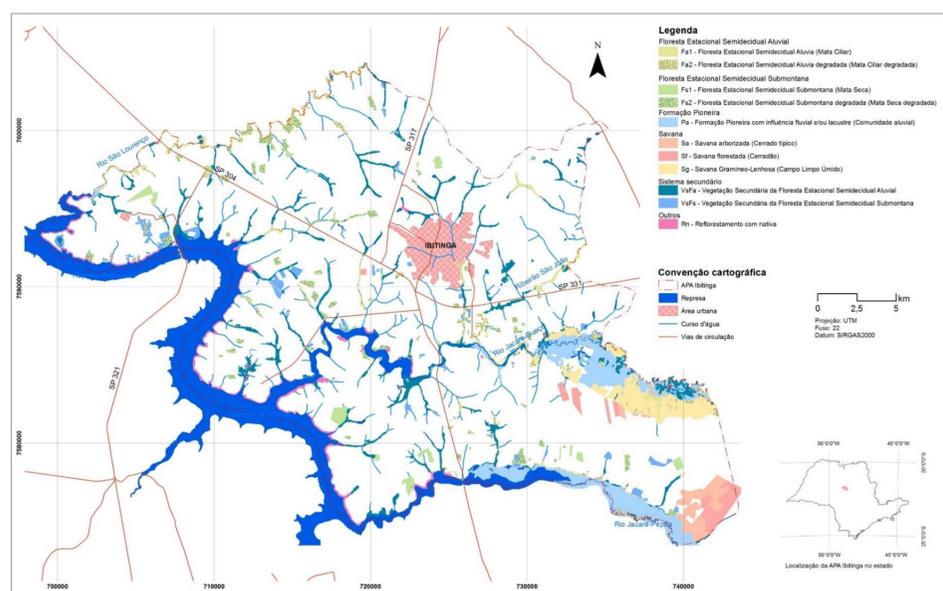
Na porção Centro-Oeste do Estado de São Paulo, a Área de Proteção Ambiental (APA) de Ibitinga é um dos poucos espaços protegidos na forma de Unidade de Conservação da Natureza (UC), destacando-se no contexto regional pela extensão do território que abrange (69.087,60 ha) e pelas peculiaridades do patrimônio ambiental e biológico presente em seus domínios. São atributos relevantes da APA as áreas alagadas conhecidas localmente por “Pantaninho” e “Varjão” (que correspondem, respectivamente, às várzeas dos rios Jacaré-Pepira e Jacaré-Guaçu), bem como os fragmentos de vegetação nativa e a fauna associada aos ecossistemas presentes, que são abrigos da biodiversidade (São Paulo, 2012).

Predomina em extensão, com 2.462,7 ha (3,6% da UC) a Formação Pioneira com influência fluvial e/ou lacustre (Pa). Trata-se de vegetação que ocupa áreas de solo de deposição recente, ainda instáveis, que são as condições presentes nas várzeas dos Rios Jacaré-Pepira e Jacaré-Guaçu.

A Floresta Estacional Semidecidual Submontana corresponde aos remanescentes florestais que ocorrem no interflúvio, representados por fragmentos dispersos no território compreendido pela APA. Foi subdividida em Fs1 e Fs2 de acordo com o aparente estágio de conservação, sendo os fragmentos Fs1 mais conservados (377,92 ha ou 0,55% da UC) e os Fs2 caracterizados como Floresta Estacional Semidecidual Submontana Degradada, que são a maioria e perfazem 859,85 ha (1,24 % da área da UC).

Já a Floresta Estacional Semidecidual Aluvial (Mata Ciliar) ocorre associada às áreas úmidas, nas margens dos cursos d’água existentes na UC. Os remanescentes mais conservados (Fa1) são raros, somando 221,68 ha (0,32% da área), sendo a maior parte da vegetação ciliar caracterizada como Floresta Estacional Semidecidual Aluvial degradada (Fa2; 796,45 ha - 1,15% da APA). A Floresta Estacional Semidecidual Aluvial com inundação permanente (Floresta Paludosa ou Mata de Brejo) é mencionada nos dados secundários consultados (São Paulo, 2012; Ecossistema Consultoria Ambiental, 2016), porém não foi individualizada pelos métodos empregados no presente diagnóstico. Trata-se de fisionomia florestal associada à saturação do solo em caráter permanente, com composição e estrutura peculiares e cuja ocorrência é provável no contexto local.

As formações savânicas concentram-se na porção Sudeste da APA, representadas por Savana Arborizada (Sa), Savana Florestada (Sf) e Savana Gramíneo-Lenhosa (Sg). A Savana Florestada (Cerradão) ocorre em poucos fragmentos, que totalizam 533,5 ha (0,77% da APA). São áreas distantes dos cursos d’água, que apresentam fisionomia florestal, porém com a presença de espécies típicas que as diferenciam da Floresta Estacional Semidecidual.



Jatobá (*Hymenaea courbaril*)



Paineira (*Ceiba speciosa*)



Jequitibá-branco (*Cariniana estrellensis*)

FAUNA

O total de espécies de vertebrados com ocorrência para a APA é de 517.

Considerando cada classe individualmente foram relatadas 82 espécies de peixes, 29 de anfíbios, 42 de mamíferos, 19 de répteis e 345 de aves.

Espécies migratórias

Em conjunto com outras localidades da bacia do rio Paraná, as várzeas dos rios Jacaré-Guaçu e Jacaré-Pepira integram a rota migratória do Brasil Central, de grande importância principalmente para aves aquáticas (Oliveira *et al.*, 2016). As espécies que utilizam esta rota podem tanto permanecer na área por poucos dias para repor as reservas de gordura corporal e continuar a migração até outro ponto de parada, ou ficar ali por várias semanas até retornar a seu local de reprodução (Robinson & Pizo, 2017).

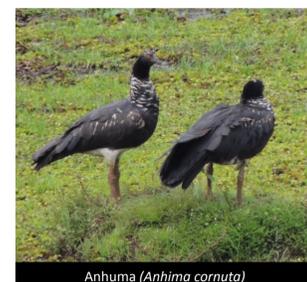
Em síntese, as migratórias constituem parte significativa da avifauna local, representando pelo menos 54 espécies ou 16% da assembleia de aves registrada até o momento na APA.

Espécies em extinção

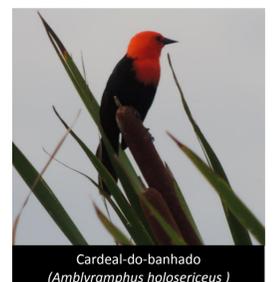
Vinte espécies (4%) são consideradas ameaçadas de extinção em pelo menos uma das listas oficiais consultadas. Oito espécies de mamíferos estão ameaçadas: tamanduá-bandeira *Myrmecophaga tridactyla*, bugio-ruivo *Alouatta guariba clamitans*, gato-do-mato-pequeno *Leopardus guttulus*, jaguatirica *Leopardus pardalis*, jagurundi *Puma yagouaroundi*, onça-parda *Puma concolor*, lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* e lontra *Lontra longicaudis*. O bugio é florestal, a lontra é mais frequente em trechos florestados dos rios e os felídeos podem ser considerados semi-dependentes de florestas, pois podem forragear também em áreas abertas como plantações e pastagens. Desta lista, o tamanduá-bandeira e o lobo-guará são as espécies mais flexíveis quanto ao uso dos habitats, forrageando em cerrados, campos, pastagens, eucaliptais, canaviais, bordas de brejos, etc. Além da perda, fragmentação e degradação de habitats, a caça é outro fator relevante de declínio populacional destes mamíferos. Salientamos que o bugio foi a espécie de primata mais afetada pela epizootia de Febre Amarela que ocorreu recentemente no estado (Fioravanti, 2018). Dessa forma, o censo da população local deve ser estimulado. Os demais mamíferos são vítimas costumeiras de atropelamentos, que acabam sendo mais frequentes em paisagens com acentuada fragmentação da cobertura de vegetação nativa, como é o caso da APA.



Carão (*Aramus guarauna*)



Anhuma (*Anhima cornuta*)



Cardeal-do-banhado (*Ambyramphus holosericeus*)



Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*)



Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)



Maguari (*Ciconia maguari*)



Gato-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*)



Maguari (*Ciconia maguari*)